

A ética da psicanálise: uma ética a preservar.

“A psicanálise talvez seja uma moda passageira, uma moda que é principalmente científica e que diz respeito a coisas relacionadas ao assunto. No entanto, será cada vez mais útil preservar em meio ao movimento cada vez mais acelerado em que nosso mundo está entrando”.

Meu Ensino, Lacan (1967)

Sabemos que a psicanálise sempre foi questionada, mesmo desde sua fundação, nascendo como uma teoria revolucionária para sua época.

Na atualidade, nos deparamos mais uma vez com a necessidade de demonstrar sua eficácia contra disciplinas que prometem eficiência absoluta de felicidade ilimitada com a ilusão de completude, tentando banir qualquer sofrimento possível.

Então, é fundamental que preservemos nossa ética, ética que baseia sua lógica na culpa. Nosso trabalho aposta em uma prática, na qual o sujeito tem a oportunidade de encontrar "um saber-fazer aí", com seus sintomas e suas alegrias.

Para pensarmos em preservar nossa ética, é fundamental definir o que é ética. Lacan no Seminário VII (1959) define a que ética devemos nos referir no psicanálise.

Em primeiro lugar, levanta a questão “da falta”:

[...] “Que culpa é essa? [...] Certamente diferente do que o paciente comete para se punir ou para ser punido” [...]

Nessa passagem, Lacan diferencia a falha estruturante daquela que na religião pede punição e, ao mesmo tempo em que as vincula, questiona retoricamente se essa falha não é aquela que Freud localiza como a causa da construção da cultura: o assassinato do pai.

Lacan acha que a atratividade da falta está em sua função fecunda no desejo, como causa.

Convida-nos a pensar sobre a nossa prática, deixando de lado os ideais:

- A genitalização do desejo.
- O ideal de autenticidade e harmonia para o acabamento.
- O ideal da não dependência.

Propõe sair do caminho feito de boas intenções, pois a lógica da psicanálise rejeita a busca do bem, o analista se exclui como sujeito, deixando de fora seus ideais, para fazer emergir o sujeito em toda a sua singularidade.

Embora aponte fortemente a importância de nos situarmos no contexto da época, sustenta a indicação clínica de não responder à demanda de nossos analisandos, de modo a não adular uma certa verdade inconsciente, que ignora, ao mesmo tempo que ele exhibe.

Essa posição ética se distancia significativamente de uma posição moral, que tentaria culpar ou acusar, ou recompensar ou punir.

Do nosso ponto de vista, é a compulsão à repetição e aquele Real que sempre volta ao mesmo lugar, conforme definido no Terceiro: “O que se coloca em cruz diante do caminho, o que não para de se repetir para atrapalhar esse caminhar (Lacan, 1974) , esse Real, que na maioria das vezes leva aos sintomas que tanto sofrimento produzem e muitas vezes à alegria paralisante.

Atualmente existem muitas terapias, psicoterapias, conselhos comportamentais, energéticos, místicos e várias crenças que visam banir a carência contando com a ciência, que tenta massificar os sintomas e assim nos fornecer soluções farmacológicas ou dicas que dão respostas. universal, destruindo a subjetividade.

[...] Às vezes é estranho ver... Não sei o que a vertigem invade, dado o que a nossa experiência oferece a eles, aqueles que lidam com a nossa reflexão moral nos meios religiosos. É impressionante observar como eles cedem a algo como a tentação de um otimismo que parece obsessivo, até cômico, pensar na redução da morbidade poderia levar a uma espécie de volatilização da falta” (Lacan, 1959).

Esta citação textual do Seminário de Ética apenas comprova o risco a que nos submetem certas políticas que esmagam e obstruem a falta como causa do desejo.

O uso indiscriminado de gadgets, como já havia antecipado Lacan, isolando o sujeito do laço social e restringindo-o a uma alegria cada vez mais autista, virtual e rígido. Voltando à ideia inicial levantada na epígrafe, Lacan descreve a psicanálise como uma moda que paradoxalmente devemos preservar à medida que se torna cada vez mais útil. No Seminário "A Lógica do Fantasma" na aula de 10 de maio de 1967, fazendo uma alusão à frase de Freud: "anatomia é destino", [...] ele dirá: "Não estou dizendo que a política é o inconsciente, simplesmente o inconsciente é política"[...]

Essa política consiste em perceber qual é a articulação lógica do sujeito com a demanda do Outro.

A direção da cura é indicada por um pilar e um farol que é o inconsciente, para onde apontam a estratégia e a tática do analista: "onde aquilo estava, o sujeito do inconsciente deve vir" Esta política difere de outras que tentam esmagar, suprimir o sintoma. Decifrar aí quando um sentido aparece deslocado ou condensado, construir quando uma fantasia falhou em sua montagem ou então desabou diante de um Real, inventar como acontece em alguns fenômenos onde não há letra a que um significante se refere são todas as intervenções possíveis do analista, diante do que ele está sofrendo demais.

É também uma política que aposta na montagem de um sintoma, onde no auge só poderiam aparecer inibições severas ou angústias.

Apenas a título de exemplo, através de uma breve vinheta clínica, tentarei mostrar a importância de preservar nossa ética e os fundamentos de sustentação de nossa política.

Há alguns meses recebi uma consulta de uma jovem que chegou com um sintoma muito específico e definido que a questionou através de seus parentes próximos, que lhe disseram que deveria consultar: uma tosse permanente e persistente que tanto durante o

período de vigília quanto o de sono, a perturba constantemente. (Qualquer semelhança com Dora é mera coincidência) Uma tosse que ela mesma chama de tosse nervosa, que piora em determinados momentos, principalmente quando se sente exposta, principalmente quando tem que fazer exames na universidade, que por sinal ela estuda dois cursos simultâneos.

Percebo que durante as entrevistas preliminares é muito difícil para ela manter os dias e horários combinados por ambos, para os quais ela me pede para trocá-los, substituí-los, modificá-los a cada encontro, até mesmo trocando os encontros presenciais e o virtual alternadamente. Contraditoriamente, ele diz que sua preocupação sempre foi ser "arrumado", embora no final não consiga e sua vida seja um "grande compêndio de desordem".

Ela conta que em sua família ocupou o lugar de "a ovelha negra" "a diferente", embora tenha sido criada em uma família de classe média, seus pais não tinham vocação intelectual ou artística, porém ela sentia-se desde pequena, atraída pelos livros e também pela curiosidade pelo artístico, idealizando a família de sua melhor amiga, a quem, segundo ela, deve a atual escolha de cursos universitários: letras, cinema e artes plásticas. Refere-se detalhadamente às suas diferentes e sobrepostas escolhas sexuais: “Namorava um rapaz, depois larguei-o e fiquei com alguém 'não-binário', agora com uma rapariga, que por sua vez, embora eu tenha terminado com ela, continuou flertando com o anterior.” e assim uma infinidade de sobreposições inacabadas.

Escolhas sobrepostas e desordenadas que levam a uma tosse persistente e irritante que interrompe o dia e a noite. Sintoma em que voz e olhar se unem para serem vistos e ouvidos.

Sentindo-se sempre insuficiente para os outros, com a tosse interrompe a voz que não pode ser totalmente desdobrada, mas sim com um desejo sobreposto e interrompido, um desejo que se afoga.

Por outro lado, traz também um traço de identificação com o pai, fumante inveterado. Isso se reflete no quadro de seu fantasma de 'ovelha negra', 'o diferente'. Como consequência, evidencia-se uma constante angústia velada em seu sintoma. Em nossa ética está presente a questão vertebral: Você tem agido de acordo com o seu desejo?

Que lugar para o desejo ao tentar abolir a falta por meio de tantas sobreposições? Quando a falta não falta e não abrir mão de nenhuma opção é a raiz da sua alegria, o sintoma aparece com toda a sua força.

Não há outra alternativa senão explodir o sintoma, não silenciá-lo. Sem pressa, mas sem pausa, percorreremos seus circuitos pulsionais e daremos as voltas que os significantes nos permitem para que apareça um sujeito desejante.

Embora a ansiedade seja premente, longe de suprimir rapidamente o sintoma por meio de uma consulta médica, ela começa, por meio da transferência, a se envolver subjetivamente. Dessa forma, consegue reconhecer que faz sempre a mesma coisa: deixar uma vela acesa por medo de ficar sem pão e “bolo”.

Nossa tarefa será dedicada a trabalhar com a verdade singular de cada sujeito marcado por seus significantes.

A ética da psicanálise sustenta que "o analista conduz a cura, não o paciente", como afirma Lacan (1958) em A Direção da Cura e os Princípios de Seu Poder.

Por um lado, o sujeito deve lidar com a particularidade da posição em seu determinismo lógico inconsciente e, por outro, transformar seu objeto em objeto causa, nem sempre é trabalho.

A nossa oferta de passar nestes labirintos implica, em termos da ética psicanalítica, tornar possível colocar o desejo em jogo.

Claudia Messer

Referências bibliográficas

Lacan, J. (1959-1960) Seminário VII - "A ética da psicanálise", Paidós, Buenos Aires Aires, Argentina.

Lacan, J (1966) Escritos 2, Século XXI, Buenos Aires, Argentina.

Lacan, J. (1966 - 1967) Seminário XIV - A lógica do fantasma, GAMA, Buenos Aires Aires, Argentina.

Lacan, J. (1967) Resenhas Pedagógicas, Manantial, Buenos Aires, Argentina.

Lacan, J. (1988) Intervenções e Textos, Manantial, Buenos Aires, Argentina.